

(2011) ONÉSIMO TEOTÓNIO ALMEIDA, *PORTUGUÊS SEM FILTRO*
(COM POSFÁCIO DE MIGUEL REAL). LISBOA, CLUBE DE AUTORES, S.A.

Vamberto Freitas – Departamento de Línguas e Literaturas Modernas da Universidade dos Açores.

Gostaria de começar por dizer que tudo o que Onésimo T. Almeida escreve em forma crónica contém tanto de imaginação como de verdade. De imaginação porque, muito simplesmente e dito em directo, mais ninguém entre nós domina a forma como ele, creio que desde há muito a nível nacional, e por certo estará no topo em língua portuguesa, que inclui necessariamente os brasileiros, antigos mestres no mesmo género literário; da esfera dos factos, porque alia-se à sua ágil manipulação da língua natal exilada (no seu caso específico) na América sem ter sofrido uma única interferência linguística, a não ser quando ele deliberadamente introduz um termo ou outro, que carrega novos sentidos entre nós, ou então fez parte do seu projecto dos anos 70 em transcrever foneticamente as deliciosas linguagens dos nossos imigrantes, como no já clássico *Ah! Mõnim Dum Corisco!...* (1978), teatro em forma de revista à portuguesa no qual são representadas cenas da vida imigrante açoriana e luso-americana nalgumas das nossas mais conhecidas comunidades, infelizmente não incluído

nesta antologia publicada o ano passado em Lisboa, tal como não está incluído qualquer passo do *No Seio Desse Amargo Mar: Peça Em Três Actos* (1992), em que falecidas figuras literárias nossas (Vitorino Nemésio, Roberto de Mesquita e José Henrique Santos Barros, entre outros e outras do nosso cânone literário e cultural) estão em diálogo no Céu – ou lá para onde foram – sobre o estado



da contemporaneidade nos Açores e os debates literários que então nos apaixonavam a todos. De qualquer forma, o que está presente nesta antologia é mais do que suficiente para lembrar ou apresentar pela primeira vez a qualquer leitor o retrato mais completo e perfeito da nossa vida em diáspora durante as últimas quatro décadas, Portugal em andanças sem fim numa tentativa de redefinir-se e reencontrar-se após os tempos negros do silêncio em que a nossa geração nasceu e viveu uma boa parte das suas vidas. Outros, como Onésimo T. Almeida, optaram pela saída mas sem nunca cortar com o torrão natal, física e culturalmente. Junte-se aqui enfaticamente a situação de um professor universitário muito bem colocado numa das melhores universidades do mundo em Providence (Brown University) e a sua obsessão pela questão da *portugalidade* expressa num fantástico mosaico que cobre continentes e ilhas de uma ponta do mundo à outra, e fica-se com a ideia de que, em retrospectiva, o autor aqui em foco foi o escritor eleito no tempo e no lugar certos. Até hoje.

Onésimo, Portugêses sem Filtro não será o título que eu escolheria para uma antologia deste autor – e não por ser politicamente incorrecto, muito pelo contrário. É certo que a escrita de Onésimo Almeida tem como outra característica formal uma espécie de

cruza delicada da linguagem (passe o paradoxo), na qual o “objecto” ou “personagem” é sempre descrito com a palavra precisa, retirando qualquer ambiguidade na interpretação de quem o lê, sem que isso elimine o seu imparável humor e a leve ironia com que vê coisas e gentes. Aliás, a crónica clássica está aqui num estado evoluído, de vários modos, inclusive pela inovação que os seus referenciais requerem, as linguagens sempre adequadas às múltiplas geografias humanas que lhe servem de tema ou lhe despertam a curiosidade e o pensamento. Descrever o mundo, quase sempre lusófono, e algumas vezes o espaço anglo-americano onde desde a década de 70 reside e trabalha com portugueses, sempre, pelo meio requer o que nenhum outro cronista luso do nosso tempo possui: o embate real e constante com essas realidades distantes e ao mesmo tempo próximas, vistas e contadas com a maior abertura intelectual e sobretudo disponibilidade para as assimilar, nem que seja só durante a sua breve estadia, descrevendo-as depois como se parte delas fosse e sempre tivesse sido. São nos pormenores inesperados que reside a grandeza da sua escrita, como aliás em toda a escrita criativa, seja ela ficção ou, digamos, a realidade olhada pelos espelhos múltiplos que o contemplador enxerga. Presenciei um facto menor

aqui há anos num hotel de Ponta Delgada durante um congresso cultural que explica essa sua abertura a mundos por ele nunca dantes vistos, mas eventualmente visitados. Uma académica brasileira queixava-se de que o dito hotel pecava porque não funcionava como ela estava habituada no seu grande país. Resposta sem mais de Onésimo: *você aqui não está no Brasil*. Poderá parecer um instante insignificante, mas diz tudo sobre as suas crónicas, quer escritas há 30 anos quer escritas ontem; não insinua nunca inferioridade-superioridade de si, de nós ou dos outros, simplesmente faz notar que as diferenças tudo relativizam e só temos de tentar compreendê-las, sempre que possível respeitá-las, o *outro* poderá sermos *nós* quando a situação se inverte. Só que toda a grande escrita, para mim, tem *filtro*, tem de o ter. A própria perspectiva adoptada pelo autor na descrição de qualquer “realidade” ou incidente poderá estar, como está sempre nas páginas deste autor, pensada para que a estória tenha princípio, meio e fim, mesmo que para tal nas artes de um grande cronista tenha de convocar os protocolos mais evidentes da ficção. Mário Mesquita escreveu um dia, a propósito dos contos de *(Sapa)teia Americana* que na sua obra raramente se trata só de uma coisa ou outra, a hibridez da sua ficção poderá parecer uma crónica romanceada, ou a cró-

nica um conto disfarçado. Qualquer um dos textos presentes neste volume singular da obra de Onésimo T. Almeida é uma expressão clara da sua técnica, uma vez mais, filtrada, a verdade está aqui espelhada pelo *eu* narrativo que unifica a voz e o tom da sua linguagem de texto para texto, a sequência que depois se torna num todo, os seus mundos conjugando-se para juntar o mosaico sempre em construção, sempre remendado quando algo de novo lhe surge inesperadamente ou por ele procurado.

Se Vitorino Nemésio foi o nosso mais conhecido corsário das ilhas, Onésimo T. Almeida é o corsário sem par da Lusofonia, em todos os seus recantos, em todos os seus estados de alma e existenciais. Antes dele, ninguém falava ou escrevia em Portugal tão consistentemente sobre a nossa imigração nos EUA, ninguém como ele tinha escrito sobre a América, e isso inclui praticamente todos os livros assinados por autores de fama nacional lusa que saíam durante o nosso tempo. Foi ele que nos abria a porta dos grandes jornais lisboetas, e retiraria assim certo exotismo – por ser desconhecido e nunca imaginado – associado ao tema. Por outras palavras, foi ele que colocou algumas das mais importantes peças socioculturais fundamentais ao novo Portugal depois do 25 de Abril. Eis aqui, pois, uma forma de rever toda a sua obra

agora antologada parcialmente em *Onésimo, Português Sem Filtro*. Foi por ela, assim como pelo seu ensaísmo académico ou científico, que lhe ficou garantido um lugar proeminente entre os pensadores essenciais do Portugal moderno, entre os escritores mais criativos da sua geração.

“De facto, – escreve Miguel Real no posfácio que assina nesta antologia, e que também já havia dedicado à escrita de Onésimo T. Almeida um extenso espaço no seu *O Pensamento Português Contemporâneo 1890-2010* – constata-se, pelo conteúdo da sua obra, que a divisão dos capítulos deste livro evidencia com muita clareza, ser Onésimo um homem dividido, *do ponto de vista sentimental*, entre a América da sua realização e o Portugal da sua formação, o laicis-

mo profano e festivo da sua escrita e a memória do absoluto anterior e enesiano da sua sensibilidade juvenil, entre o lastro da cultura portuguesa melancólica séria, protocolar e preconceituosa, e o pragmatismo e igualitarismo americanos, e, *do ponto de vista racional*, entre a escrita académica dos seus trabalhos e a escrita jornalística por que intervém socialmente no presente da História...”.

Adicione-se que a selecção dos textos em *Onésimo, Português Sem Filtro* esteve a cargo de três dos seus mais atentos leitores no continente, Cristina Ovídio, Ana Bernardo e João Maurício Brás. Para além dos dois livros já aqui mencionados, estão excluídos desta antologia os textos de *Viagens Na Minha Era* e *Livro-me Do Desassossego*. VAMBERTO FREITAS